



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talhoba — Lisboa • Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social

A LUTA NO EXTREMO-ORIENTE

Em Agosto de 1914, quando residia em Inglaterra, tive o prazer de conhecer pessoalmente Edmund Morel, na sua deliciosa vivenda de King's Lane. Numa das nossas palestras, dizia-me ele: «Quando acabar a guerra com a Alemanha, bater-nos-emos com a nossa aliada a Rússia. Você verá! E a Alemanha será então a nossa aliada.»

Quando me dizia isto, Edmund Morel referia-se à Rússia czarista, porque não admitia as minhas previsões sobre a forçada democratização da Rússia que a guerra havia de provocar, previsões estas que eu expus juntamente com outras, depois realizadas, nas minhas *Lições da Guerra Mundial* (1916). Mas se Morel se enganou sobre as consequências da guerra, previu com segurança a atitude do governo britânico para com a Rússia, porque conhecia a fundo a política externa do seu país.

A queda do governo autocrático da Rússia não modificou a este respeito a política britânica, o que se pode atribuir a duas causas: por um lado, o inglês, como é lento em compreender, não viu que o seu interesse, sob o ponto de vista económico e político, difere de tem diante de si uma Rússia czarista e uma Rússia soviética; por outro lado, aniquilada a Rússia, era matar a Revolução socialista, cuja aurora parecia brilhar neste país. E então, o Inglês continuou a querer destruir o poderio russo. Contava com uma fácil vitória, para ele teria uma dupla vantagem, matando no ovo a revolução nascente. Este foi um erro, mas perseguiu obstinadamente desde Março de 1917 e a chave da política britânica e a explicação dos acontecimentos que se deram no Oriente europeu e na Ásia.

O isolamento da Rússia soviética por fios de ferro farpado, preconizado por uma pueril teimosia por Clémenceau, criatura do capitalismo britânico, terminou por um fracasso. A política britânica então, procurou realizar o mesmo objectivo de isolamento por outros meios, auxiliando a formação dos alogéneos fronteiriços em nações independentes, e iniciou esta política, menos infantil, quando ainda os aliados se esforçavam por usar «os fios de ferro farpados». Posto que absurdo sob o ponto de vista do objectivo final: o isolamento da Rússia e o seu aniquilamento, esta política levava o capitalismo britânico a apoiar-se das matérias primas destas nações alogéneas, por esta forma forçada a gravitar na órbita britânica.

Este assombaramento de matérias primas, só poderá, aliás, ser momentâneo, porque John Bull não viu que a sua política ia desenvolver o nacionalismo dos povos alogéneos e também o do Povo Russo, liberto do peso morto que a aristocracia alogénea, mais ou menos escravos dos seus governantes, e que por seu turno o escravizava. Tudo se liga e se condiciona mutuamente.

A política britânica era uma política de rutura do antigo equilíbrio e por consequência tendente a provocar um caos donde sairá um novo equilíbrio, pelo jogo das forças em acção.

Assim, a política britânica, que os reacçãoários e conservadores capitalistas dirigiam com fins conservadores, voltava-se contra eles, tornando-se uma política mais auxiliadora do que inibidora do processo evolutivo seguido há milhares de anos pela humanidade, em marcha para um futuro de mais liberdade, igualdade e solidariedade. Esta força não só vinha contrariar o fim em vista pela qual se mantinham, mas actuava até contra estes. Com efeito, esta força, ao pôr-se parcialmente ao processo evolutivo da humanidade, devia provocar uma situação de conflito cujos efeitos últimos se fariam sentir em alternativas de avanço e recuo, saltos e sobressaltos; e portanto numa marcha torrencial da evolução em vez duma marcha lenta e magestosa.

O condicionamento universal das cousas e dos homens aparece aqui com uma tal nitidez que parece incrível que haja ainda homens que neguem o determinismo. Esta negação é até a causa de muitos males que atingem o mundo. Com efeito, se os dirigentes modelassem a sua conduta por esta verdade científica do determinismo universal, procurariam as direcções seguras pela evolução humana, e sabendo-as inelutavelmente determinadas, actuariam no sentido destas direcções e não contra elas. Por este processo acelerar-se-ia ao mesmo tempo que seria regularizada a evolução. Mas os dirigentes não procedem assim. Marcham às cegas, às apalpadelas, preocupando-se só com os seus interesses de momento, ou com o que eles julgam ser o seu interesse e trabalham para realizar sem atenderem à complexidade das consequências próximas e longínquas dos seus actos. Procedem assim, os dirigentes de todos os países, inclusive os britânicos. E eis a razão porque o capitalismo britânico deixa as mãos livres ao capitalismo japonês no Extremo-Oriente. Este prestava-lhe serviços de momento, o que bastava, de forma que o capitalismo britânico recusava ver as enormes dificuldades e perigos que, para si próprio, ia criar no futuro.

A luta no Extremo-Oriente trava-se só entre Siberianos e Japoneses, porque os chamados russos, que sob as ordens de Semenov e doutros do mesmo estilo, combatem os Bolcheviques, são constituídos por bandos a soldo do governo japonês. Este justifica-se para com os povos do Ocidente da sua política de agressão, declarando urbi e orbe que combate os bolcheviques no interesse da civilização. É uma mentira, porque os Siberianos na sua maioria não são bolcheviques e os governos que algumas regiões, como a marítima, e Zabaikalia, se ouzaram para os governos democráticos, com um parlamento, à moda ocidental, têm tendências socialistas, pois que as maiorias parlamentares e governamentais são socialistas, e em geral, da facção dos «Socialistas revolucionários», e também dos «socialdemocratas mencheviques». O governo japonês mente deliberadamente, porque deseja tomar pé no continente asiático para levar os povos da Sêria, da Mongólia, da Manchúria e da China a gravitarem na sua órbita e terem seus clientes económicos. Como não gora que o Siberiano, altivo, trabalhador e corajoso — descendente dos russos revolucionários e dos Polacos nacionalistas ou revolucionários exilados pelos Czares — jamais se submetaria ao seu domínio, põe em prática uma política de extermínio, incendiando as aldeias e matando os habitantes sem distinção de sexos nem idade.

Os que podem refugiar-se nas florestas e nos pântanos. Eis a obra de pacificação do Aliado da Gran-Bretanha e da França! Esta pacificação pela destruição dos habitantes e das cousas, e a continuação duma política deliberadamente assente e executada desde o ano de 1917, sem receio da Europa, ocupada a exterminar e em se arruinar, sem receio da América dirigente, bastante inteligente para só se preocupar com a queda de Wilson, sob o pretexto que «a vida nas nuvens» quando na realidade era o único dos seus dirigentes que se maior clarividência via a realidade; nem da China pacifista, com as suas massas de milhões de pacíficos habitantes.

Se a política do capitalismo japonês, ainda hoje impregnada de fendaísmo, triunfasse, a humanidade assistiria à ruína da sua liberdade e da sua igualdade social. Seria o recuo da evolução segundo as actuais direcções, determinadas pelas condições históricas e prehistóricas. Com efeito, apoiando-se sobre um exército sólido e numeroso, empregando a técnica científica e industrial a mais aperfeiçoada, o capitalismo feudal japonês escravizaria toda a Ásia erguendo os seus povos contra a Europa e a América. Amarelos contra Brancos, eis a consequência certa da política japonesa ao desenvolver-se livremente em virtude das vistas curtas dos dirigentes ocidentais da Europa e da América.

«Mas poderá esta política desenvolver-se integralmente? Não.

Os factores que se lhe opõem são bem mais poderosos que as vontades e desejos do capitalismo japonês e que a imbecilidade do capitalismo europeu e americano. Estes factores são, por um lado, a imensidade da China com as suas massas populares tam densas e tam pacíficas por interesse, por espírito religioso, por hábito; e por outro lado, a imensidade da Sibéria, com a sua população esparsa, altiva e livre; e por fim o industrialismo crescente no próprio Japão, gerador dum movimento sindical e socialista, que cada vez mais se desenvolve. E coisa digna de nota: a autocracia russa, pela sua política de apoio dos revolucionários, durante século e meio, provocou a formação

A C. G. T. e a carestia da vida

Promovida pela U. S. O. realiza-se hoje, pelas 19 horas, na sua sede, calçada do Combro, 38, A 2.º, a primeira sessão de protesto do movimento iniciado pela central operária portuguesa.

Camaradas, trabalhadores, consumidores, comparecei às sessões de protesto contra a ganância e contra o assombaramento.

Fanfarronadas inglesas

Sobre o medo da invasão russa, o manto diáfano das ameaças irrealizáveis!

ROMA, 21.—Na reunião do conselho de ministros que se celebrou ontem em Londres tratou-se da nota do governo soviético acerca do armistício entre a Rússia e a Polónia, proposto por Lloyd George em Spa.

A nota soviética refere-se a pontos de grande interesse, mas exprime certo cepticismo no respeitante à boa-fé dos aliados, no assunto. Afirma o seu desejo de fazer a paz com a Polónia, mas não por intermédio de Londres.

Diz-se que o governo britânico respondeu de modo que facilita uma solução satisfatória.

O *Daily News* diz que resalta à vista de todos que o objectivo do governo britânico é fazer a paz, respeitando a independência da Polónia; mas sem que a Polónia adquira territórios fora dos seus limites. A primeira intenção ao mandar a nota à Rússia foi iniciar as negociações de paz. A proposta de uma conferência geral em Londres entre a Rússia, Polónia e os Estados Bálticos não foi o ponto mais importante do plano traçado, ainda que desse grande resultado a dita reunião. Já de uma vez para sempre ficaram aclarados vários pontos em litígio, no que respeita a fronteiras e relações económicas entre os ditos países. Diz ainda o mesmo jornal que, depois de se realizar tal reunião em terra britânica, seria difícil não reconhecer diplomaticamente o actual governo russo. De resto, da nota enviada aos Sovietes, se deduz a vontade firme dos aliados de intervir a favor da Polónia se esta for invadida pelos exércitos bolcheviques.

Como insistisse o governo soviético em que a Polónia retirasse os seus exércitos das suas próprias fronteiras, se respondeu que a iniciativa devia sair da Polónia. Os autores da nota britânica disseram claramente que a sua intervenção a favor da Polónia era unicamente para bem da independência de este país, dentro dos limites que sempre reconheceram os soviets. Agora, se os bolcheviques invadissem o território polaco, a situação mudaria radicalmente. Todos os partidos polacos se levantariam em armas para defender o solo pátrio.

Há muitos homens que servem para pegar em armas na Polónia e quanto a oficiais não faltam na Europa ocidental, incluindo muito provavelmente o marechal Foch. Quanto a munições, recordam-se os imensos depósitos de canhões e munições entregues pela Alemanha aos aliados. Nada disto irá parar à Polónia, a não ser que o dito país seja invadido.

Não ameaçam os aliados, os soviets ao falar assim, mas preparam-se para amanhã.

O *Daily Chronicle* diz que o conselho dado pelos aliados à Polónia é pedir imediatamente um armistício, em consequência do que é um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da autocracia japonesa.

Por isso o sociólogo pode com razão afirmar que a própria autocracia traz em si o germen que a leva à ruína. E assim, mais uma vez, o sociólogo constata que vãos são os desígnios dos homens, quando vão de encontro às direcções dadas à evolução humana pelo condicionamento universal no tempo e no espaço.

O socialismo e o sindicalismo japonês crescem com a maior rapidez, mais depressa talvez do que o julga a indústria japonesa. E os proprietários da terra, os industriais, os financeiros e os comerciantes japoneses já sentem o perigo. Uns, seguindo o exemplo da Gran-Bretanha, são partidários dum governo na realidade parlamentar, baseado no sufrágio universal. Querem ceder um pouco para melhor domarem as massas proletárias e assim impedirem a luta social de que a presente guerra de nações é uma espécie de prelúdio. Outros, puros feudais agrários, são levados pelo seu instinto militar para a política de repressão pela força.

Mas quer uma ou outra destas políticas internas seja seguida no Japão, ou sucessivamente ambas ou mesmo conjuntamente, isto não detêrá o crescimento do socialismo e do sindicalismo japonês. E' até muito provável, que a perseguição vá sobreexaltar o seu crescimento, conforme o que por toda a parte se produz, quando se quer exterminar um movimento ideológico pela perseguição dos seus sectários.

Em verdade, a preocupação de hegemonia asiática não é a única causa da guerra do Japão contra a Sibéria.

Há uma outra ainda: o desejo de escapar a uma situação interna pesadamente embarracada, confinando com uma situação económica e financeira revolucionária. Nesta guerra, encontra-se uma das condições do desencadeamento da guerra mundial pela Alemanha feudal em 1914. Esta guerra da Sibéria oriental e da Manchúria acabará por envolver o Japão, arruinando-o, agravando e não melhorando, portanto, a sua situação interna. Os seus efeitos serão idênticos aos que a guerra mundial trouxe à Alemanha. Mais uma vez se regista a ausência de razão nos dirigentes, embrutecidos pela detenção do poder.

Portanto, na luta actual, talvez ainda longa, do Japão capitalista contra a Sibéria socialista, esta acabará por triunfar, não sem que o seu caminho se não enbra de ruínas e de mortes, Parece que a gestão das sociedades, [como a dos homens, não se pode fazer sem sangrentos abalos!

Augustin Hamon

NOTAS & COMENTÁRIOS

E tem razão... «Em casa onde não há pão todos gritam e ninguém tem razão.» Portugal não tem pão e se o tem é o mesmo que não ter. No entanto alguém tem razão em gritar: São os que o não podem comprar.

«Na ordem do dia» da *Pátria*, de ontem, o sr. J. M. disse ter assistido ao bárbaro espectáculo que uma bicha de carvão oferece. Apontou cuidadosamente todos os gritos de desespero e de raiva que a multidão proferiu. Não nos disse, porém, se os desgraçados tinham razão em gritar. Nós podemos dizê-lo, por experiência própria: Em bicha de carvão todos gritam e todos tem razão.

Intercâmbio intelectual Lemos ontem no *Nô-tícias* que o sr. Hermes Fontes, poeta brasileiro, não conhecia as modernas correntes literárias portuguesas. Acreditamos, porquanto não se conhecem em Portugal as correntes literárias brasileiras.

Mas que tem andado o dr. sr. João de Barros a fazer pelo Brasil? Não tem ele tratado largamente do intercâmbio intelectual dos dois povos?

Há cousas que não se compreendem.

Não há censura As autoridades nunca mentem. Temos dito na *Batalha* que a censura foi estabelecida para uma parte da imprensa. Antontem e ontem a *Situação* foi proibida de circular ainda antes de entrar na máquina de impressão. Todos os dias a casa onde a *Batalha* se imprime é invadida pela polícia que leva um exemplar do nosso jornal a censura. Mas se a polícia da segurança do estado diz que isso de censura é boato, é porque não há efectivamente. Os factos, são os factos... Ora isso não tem importância. A polícia diz que não havia? Pronto, não há. Continuemos a enviar o nosso jornal ao governo civil. Não há censura...

OS EFEITOS

Ninguém deve extranhar os factos que ultimamente tem decorrido em diferentes partes do país, provocados pelo criminoso assalto à bolsa do consumidor levado à prática pelos numerosos assombaramentos e exploradores do povo.

Em diversas terras a multidão, causada de tanto roubo, quiz mostrar aos gatuos privilegiados que não se brinca impunemente com a miséria, dando-lhes uma lição que bem pode repetir-se com mais intensidade, porque a fome não conhece leis.

Não abdicam, porém, os causadores da miséria pública do seu criminoso proceder, e assim continuam ladrando, roubando com um descaro inaudito o que tanta falta faz à população esfaumada do país.

Como sempre, assistem as autoridades impassíveis aos factos que se vão desenrolando, atacado de preferência aqueles que veem de sofrer todas as consequências, os que morrem lentamente de fome, os que são lançados à miséria deixando impunes, sem uma simples beliscadura, os causadores de todos os males que atiram o povo para a revolta.

Estão por isso justificados os casos que a imprensa vem noticiando porque o povo, farto de sofrer, pretende fazer justiça por suas mãos, já que aqueles que dizem ser senhores dos seus destinos, não se incomodam com tanta perversidade, sem tanto crime.

No norte do país, com especialidade, a fome atingiu o máximo. Nada há e o pouco que aparece, os gêmeos que os humanitários negociantes vendem ao público, são por um preço inaniçante.

Os acontecimentos passados no distrito de Braga, revelam claramente que a paciência se esgotou, pois as populações daí são demasiadamente passivas. Porém, continuam na ordem do dia os assombaramentos ou as roubalheiras do comércio.

Compradores de milho tem aparecido no distrito de Viana do Castelo, que oferecem por cada alqueire daquela cereal, ainda na terra, a quantia de 100000! Isto é espantoso! Que futuro nos espera?

Note-se que há seis anos, pouco mais, vendia-se o milho à razão de \$50, ganhando em média, um operário \$40. Embora quintuplicasse o salário, e isso a uma insignificante minoria, está ele em relação com a exorbitância do preço do milho? Já não falamos em outros géneros, porque isso é uma verdadeira desgraça! Aguardar, tem-se obtido a \$500 ou mais! Azeite, nem tem preço: é conforme o apetite ao benemérito e honrado negociante!

Afirmam pois aqueles que nunca trabalharam, que nunca souberam o que é a miséria, que tiveram sempre uma vida de fausto, que os operários são hoje uns novos ricos!

E' escaracter demasiado!

E' provocar a miséria! E se acaso o povo, num justificado espírito de revolta, vier à rua manifestar-lhe, ainda esmagado, fusilado!

Decididamente estão brincando demasiado com o fogo em que poderão vir a queimar-se!

A ganância é tanta, o dinheiro deslumbra de tal forma os exploradores, que outros exploradores mais finos, mais vivos, tem conseguido ludibriar aqueles com quem fazem negócio.

NOTAS & IMPRESSÕES

Bem dita seja a paz!

A guerra estava então no seu auge; já havia berthas em scena, os tanks ameaçavam tudo, e nós por cá, a uma monstruosidade de quilómetros do front, já tínhamos o azeite a seis tostões, o açúcar a cruzado, as batatas a setenta réis, o carvão a três vintens, o bacalhau a cinco tostões e tudo o mais à proporção.

Não vivíamos positivamente naquela abastança rotchilhesca, mas em suma, a gente cá ia suportando o frete e conservando o cadáver. Então, comia-se a despeito dos malandros dos boches não desampararem a loja aos franceses. Insurgiamos-nos contra os alemães que nos punham o pão a seis tostões: o quilo, mas com todos os diabos, lá se ia tasquinhando alguma coisa com geito, e quando outro mérito não tivesse o que se metia no bandedo, pelo menos parecia-se algo com de comer. Quando uma pessoa adrejava recordar-se, no meio duma dentada, de quanto ela nos custava, revolviam-se as tripas, é certo, o apetite quasi se esgueirava pelas vestgas do raciocínio em ebulição, e então era um fadário para convocar o estômago a receber sem protestos e, sobretudo, sem vômitos de indignação e de desatento, a minguada substância que tanta trabalhadeira tinha custado.

Mas comia-se, com mil raios! Mastigava-se a postinha de peixe frito com relativa facilidade, e o bacalhau cosido com batatinhas também podia fazer a sua aparição triunfal, de vez em quando, na nossa mesa. A calçada com que a gente pela manhã enegrecia a vida e as tripas era bem boa, saborosa, doce e que era um regalo, e até havia alguns felizardos que acompanhavam a matinal refeição com uma hipótese de manteiga sobre as panificações alvissimas da camarada padeiro.

Era isto assim, ainda não há muito tempo. Por fim tudo mudou, como se diz no *Estudante Alsatiano*.

Agora, nem, bacalhau a corôa, nem carvão a tres vintens, nem batatas a setenta réis nem açúcar a cruzado, nem azeite a seis tostões—nada. O café, a falta de açúcar, foi uma aragem que lhe aplicaram, aragem que se estendeu ao repasto primeiro do lar proletário. O bacalhau, a dois mil e quatrocentos, está mesmo daqui a ver-se que por nós não pode ser consumido, e as batatas, a doze vintens, a não ser que queiramos rufá-las a solo, não temos com que as acompanhar. Não há carvão, não há azeite, não há arroz, não há massas, não há carne, não há peixe e não há feijão.

No tempo da guerra estes géneros sempre existiam, mais ou menos. Pelo menos com intermitências. Se faltava o feijão havia o arroz; se este faltava, substituiu-se por feijão. Quando não havia peixe, havia carne. Agora nem peixe, nem carne, nem vergonha, nem honra, nem brio, nem o diabo que os carge. Chegámos a este apuro, e chegámos ainda a qualquer coisa de mais extraordinário que é a de termos de fazer propaganda da vida cara—nós que até agora temos empregado debalde o nosso esforço, a nossa melhor energia. No tempo da guerra tudo caro; no tempo da paz tudo evaporado, sumido. Bem dita seja a paz.

Antero de LIMA

bem tem sucedido o mesmo, o que é uma bela lição como paga da sua insofrida vontade de exploração.

São os efeitos do roubo legal que tem atirado para a miséria a maior parte do povo português, do povo que produz.

São os efeitos da ganância desmedida dos comerciantes sem escrúpulos que provocam o povo à revolta da fome, que tende a alastrar-se dum ao outro extremo do país, se os miseráveis exploradores continuarem a roubar-nos desvergonhadamente.

Não venham depois acenar com o espantelho da ordem, porque sabem muito bem onde estão as causas da desordem.

A censura continua

Apesar do desmentido enviado pela polícia da segurança do Estado à imprensa, desmentido que grande parte da imprensa publicou sem um comentário sequer, embora conheça bem a verdade, continuam os jornais indicados pela nota apresentada ao redactor principal deste periódico a ser censurados.

Mais uma vez repetimos que a referida nota da polícia exprime unicamente falsidade e falta de carácter da parte dos poderes públicos. Os jornais são censurados como aqui temos relatado. Quem não o acreditar poderá verificar a ilegalidade cometida pelos legalistas dirigindo-se à casa onde a *Batalha* se imprime, na Rua da Atalaia, e terá certamente a confirmação das nossas palavras.

Os governos—essa coisa que de quinze em quinze dias toma posse e assento no Terreiro do Paço—tem posto nesta linda afinação a pátria que os pôs em tão altos destinos. Todas as suas forças acumulam-nas eles para a política baixa e reles, deixando o comerciante desonesto do alimentício, ávido de ganhuça, sequioso de dinheiro assambarque, esconda, falsifique, roube, sonegue, engorde e jante, enquanto a população desta cidade castrada curva o lombo, enfezada, raquítica das ralações que lhes inventam e da fome que suporta, numa manifestação de cobardia que enoja. Tem os governos, ao menos, a habilidade, o tacto necessários para nos dar de comer? Não, mil vezes não. Nem tão nem competência. O que eles sabem é fazer tabelas, e com as tabelas tem a grande vantagem de fazer desaparecer tudo quanto nos é preciso, não se repugna acreditar que elas são fabricadas de propósito como esse fim. Já se fala prá em tabelar as lãs. Se isso for avante—e porque não há de ir—podemos contar todos que daqui a pouco; a respeito de vestuário, estaremos tam bem fornecidos como o Pai Adão. E' esta a competência dos ministros. Imaginas, acaso, é pária que passas os dias ao sol, em cima dum andaim, que o azeite, o carvão e o açúcar faltam nas suas casas? Enganas-te, met velho. E, enquanto eles os tiverem, não penses que eles se interessam por nós. Hemos de estoirar de lazeira, digote eu. A fome é a virtude dos pobres. Eles tem nisso—ou tiveram já—um certo orgulho. Actualmente, sim, muito raros são os que se enfastiam com ela; perante tam grande despreendimento pela vida do semelhante, que os ministros ou coisa que o valham demonstram ter, a melhor terapêutica é o despreendimento correspondente pelas fórmulas, e pelos logismos.

A uma bofetada procura responder-se sempre, quanto possível primorosamente, com duas bofetadas. A violência responde-se com a violência. O Terreiro do Paço tem-na mas não é para quem rouba e para quem mata, desde que quem mata e quem rouba seja primoroso e tenha um cofre.

Para esses os ministros, quere sejam liberais ou reacçãoários, tem sempre um critério só—a redea solta. Medidas de fomento, para quê? Tabela-se o que se quere fazer acabar e pronto. E do que não há todos podem vender pelo preço da tabela. Estudar e resolver o problema económico, quem fala nisso?

Política, política e só política é do que eles sabem tratar. Chegam ao Terreiro, tomam posse, mandam ler o expediente, leem a gazeta do partido, char, teiam o artigo de fundo, e, no azado momento de dar conta do recado, reconstituem-se nas poltronas, arrotram, pasam pelo sono, dizendo como o diploma da *Viava Alegre*: «a pátria que não me aborrega». E, depois de terem conhecimento das ladrocinhas e dos crimes dos ditadores da alimentação, bofegam, espreguiçam-se e, como nas assembleias gerais, dão o seu sinal de assentimento deixando-se ficar como estão. E acham pouco?

Antero de LIMA

Mentira, mentira, mentira é tudo quanto a nota da polícia contém.

Mais protestos são escusados. Os factos são bastante violentos para tudo, tudo dizerem.

A *Situação* foi ontem apreendida embora chegasse a ser impressa. Querem melhor prova das nossas afirmações? O mesmo jornal enviou-nos por esse motivo a carta cuja publicação nos é pedida.

El-la:

Sr. redactor do jornal «A Batalha».—Volto ontem a ser apreendido o jornal «A Situação» por aquele mesmo processo que o sr. Director da Segurança usa e abusa despoticamente sem que lei alguma o autorize.

Tendo sido procurada a autoridade competente para informar qual a razão da violência cometida, foi declarado que era a palavra *Tacho* que estava adentro das disposições que o sr. presidente do ministério considerava prohibidas da circulação de qualquer jornal.

Ora esta palavra vinha adentro de uma secção intitulada *Contas correntes* onde o colaborador descreve de uma maneira factista, a vida em *Situação*. Pois é sobre uma fantasia, um tudo nada alegórico, que a Polícia de Segurança seveou as suas iras contra o *Dezembrismo*.

Desta maneira, pouco inteligente, que, sem querer ofender as autoridades, se pode considerar uma *casmurria* de cabo de esquadra, continua *Situação* no regime da violência prévia, no regime da *rolha*.

Ainda duvidam?

Reunião dos Professores em Coimbra

As Inspekções Escolares foi comunicado superiormente ter sido autorizada a reunião dos professores em Coimbra nos dias 25, 26 e 27 do corrente.

Trabalhadores. Lede e propaga!

BATALHA.

Oporto Oil Company

(EM ORGANIZAÇÃO)

S. A. R. L.

CAPITAL 10.000 contos, podendo ser elevado a 100.000

(Emissões em séries de 5.000)

Séde provisoria:
Rua de Belomonte, 73.

PORTO

End. telegrafico:
CARBURO

PORTO

REFERENCIAS:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Nossos banqueiros e acionistas

Em vista do acolhimento que temos tido, resolvemos que o capital pudesse ser elevado a **100.000 contos**.

Importação e Exportação
Os lucros ficam no País.

Navios proprios.
Edifícios proprios.
Delegações no estrangeiro.
Agências em todo o país, ilhas e colonias.

Importadores de Petroleo, Gazolina, Oleos Lubrificantes, Drogas e Produtos Quimicos,
Ferro e todos os metais

Exportadores de todos os produtos continentais e coloniais.

Tendo chegado ao nosso conhecimento que, em varios pontos do país e especialmente em Lisboa, muitas pessoas desejam ainda fazer a sua inscrição, sendo-nos manifestado pelos nossos correspondentes a impossibilidade material de tempo para percorrerem a provincia nos curtos prazos que fixamos e não desejando esta Companhia que os interessados nas materias a explorar e aqueles que com simpatia veem a criação da nossa empresa como uma necessidade nacional, deixem de fazer parte da mesma como seus accionistas ou como seus futuros clientes, resolveu abrir a

Subscrição ao publico:

Sómente para 30.000 acções de 100\$00 cada uma

(Sujeito a rateio)

Os accionistas terão direito a dividendo por duas formas:

O 1.º na proporção das compras que tenham efectuado na Companhia.

O 2.º na proporção do capital que representarem como accionistas, ficando a estes garantido um dividendo nunca inferior a 6 0/0 ao ano.

A subscrição ao publico está aberta:

A'manhã e dias seguintes

Com encerramento no proximo

Sabado, 31 do corrente

(Depois deste dia não tem lugar qualquer pedido de inscrição)

EM LISBOA:

Rua da Madalena, 48, 1.º Ex.º Sr. Alvaro Lavandeira,
Telef. C. 3995

Rua de s. Nicolau, 50 e 52 Ex.ºs Srs. Costa & Coelho, antiga firma
José da Costa & C.ª Suc. Telef. C. 3902

NO PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 31, 1.º Ex.º Sr. Alberto Magalhães
Telef. 949

Rua de Belomonte, 73 Séde provisoria da Oporto
Oil Company

Fórma de pagamento:

No acto da subscrição	25\$00
Em 16 de Agosto	25\$00
Em 15 de Setembro	50\$00
Total	100\$00

As pessoas da provincia que desejem subscrever-se, queiram ter a bondade de dirigir os seus pedidos pelo correio, directamente, á séde provisoria da **Oporto Oil Company**

RUA DE BELOMONTE, 73 - PORTO